

AMOR PRETO E AMARELO

MAIS DO QUE ORGANIZAR COMPETIÇÕES, A ATLÉTICA FGV-EAESP DESPERTA NOS ALUNOS UM FORTE SENTIMENTO DE IDENTIFICAÇÃO E ORGULHO DE SER GV.

| POR ALINE LILIAN DOS SANTOS

Duas cores, uma paixão!”. É assim que os GVnianos traduzem seu sentimento pela EAESP na quadra, no campo, na piscina, no tatame... E isso só se torna possível pelo trabalho da Associação Atlética Acadêmica Getúlio Vargas (AAAGV), ou apenas Atlética.

COMO TUDO COMEÇOU

Apesar de ter sido fundada, oficialmente, em 1987, a AAAGV existe desde 1954 como parte do Diretório Acadêmico Getúlio Vargas (DAGV). No princípio, a entidade era apenas simbólica, mas conquistou personalidade jurídica graças em grande parte ao esforço de seu primeiro presidente, Eduardo Quilici.

Para a Atlética se tornar uma entidade independente, era preciso primeiro assumir o Diretório Acadêmico. “Criamos uma chapa, disputamos a eleição e ganhamos. Rodrigo Loures, meu colega na época, tornou-se presidente do DAGV e conseguimos a oficialização da Atlética”, conta Quilici, que também ajudou a desvincular as eleições da AAAGV e do DAGV, o que se mantém até hoje.

Depois da AAAGV, houve uma verdadeira proliferação de atléticas. “Nosso estatuto até hoje serve de referência em muitas outras faculdades. Ele foi muito bem pensado, com o apoio do professor Laércio Betiol, que teve uma paciência enorme conosco”, acrescenta Eduardo.



Um dos primeiros esboços do jacaré, mascote da Atlética

CASA NOVA

Na década de 1980, o 1º andar do edifício principal da EAESP, onde ficam o DAGV e a AAAGV, não era o espaço amplo que é hoje. De acordo com Eduardo, o lugar estava “feio e sujo” e precisou de uma boa reforma para poder abrigar melhor as duas entidades estudantis. As obras, realizadas em 1986, foram viabilizadas pelo apoio financeiro dos pais de alunos e dos ex-alunos. Um ano depois, parte do espaço seria destinada à Atlética.

A criação da Atlética e a conquista de um espaço próprio contribuíram para a integração dos alunos. “A Escola era muito desunida, ninguém praticava esporte, e a lei era ‘quanto mais rápido eu voltar para o meu mundo, melhor’. Conseguimos mudar isso: criou-se a cultura de ficar na Escola e muitos alunos quase não saíam da EAESP, como era o meu caso, por exemplo”, lembra Quilici.

EVOLUÇÃO E JOGOS FORA DA CIDADE

A Atlética foi crescendo aos poucos, com o esforço de muitos alunos. Vários deles jogavam em clubes, como o Pinheiros, a Hebraica e o Paulistano; outros vinham de cidades do interior, de onde traziam a cultura do esporte. Segundo Quilici, algumas modalidades começaram a se destacar em razão da qualidade dos atletas, como o tênis, o basquete... “E, claro, o futebol, que está no sangue do brasileiro”.

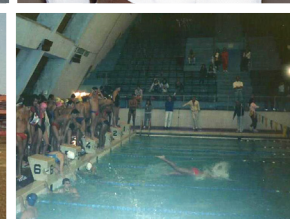
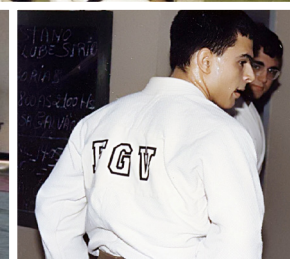
Campeonatos internos (sobretudo de futebol de salão, *society* e de campo) e entre equipes das demais faculdades da capital já eram comuns. Mas, em 1988, iniciou-se a cultura de jogar contra instituições de fora de São Paulo. “Na gestão de Rodrigo Coube à frente da Atlética começaram as primeiras viagens para competir em outras cidades. Foi nessa época que organizamos o GV-Bauru: em um feriado prolongado, disputamos em várias modalidades com o ITE - Instituto Toledo de Ensino. Imagina só: todos uniformizados, orgulhosos por representar sua faculdade. Foi maravilhoso!”, relembra Eduardo.

Essa cultura se consolidou, e os campeonatos entre universidades ganharam força, especialmente entre 1989 e 1990, na gestão de Rodrigo Motta, quando se promoveu, entre outras competições, a primeira edição do GV-FEA, disputado entre EAESP e FEA-USP no Centro de Práticas Esportivas da Universidade de São Paulo (CEPEUSP).

Competições como essas inspiraram o que futuramente se tornaria o maior evento esportivo entre escolas de Economia e Administração de São Paulo: as Economíadas.



Sede da Atlética em 1987



GVnianos disputam os Jogos Universitários de 1988 e 1989



Jacarê: ícone e mascote da AAAGV



Bateria Tatubola



Alunos representam a GV nas Economíadas

TODO TIME PRECISA DE UM MASCOTE

Foi no período de Motta como presidente da Atlética que se criou um dos símbolos mais significativos da entidade: o jacaré. “Decidi que o mascote da AAAGV deveria ser um predador: forte, agressivo e astuto, como os GVnianos devem ser para vencer no mercado de trabalho e na vida. Escolhi o jacaré e pedi para meu amigo [e também aluno] Fábio Meneghini desenhá-lo à mão”, conta Rodrigo sobre o símbolo que foi revelado em 1989 no Terceiro Tempo, primeiro jornal da Atlética.

Outro personagem que influenciou a escolha do mascote, segundo Eduardo, foi Teimoso, apelido que o jornal O Estado de S. Paulo deu a um jacaré capturado do Rio Tietê, em 1992, e reintegrado ao seu habitat: “Aquilo foi um marco, porque o Rio Tietê era tão poluído quanto hoje, e ele conseguiu sobreviver. A história inspirou os alunos, porque o esporte para nós era um exercício de sobrevivência, já que não contávamos com muitos recursos ou estrutura. Enfim, o jacaré nasceu e pegou”.

BATUQUE QUE LEVANTA A TORCIDA

Sem dúvida, a bateria é um dos componentes essenciais para dar força às equipes e levantar a torcida durante as competições. Hoje, a Tatubola é uma das maiores baterias universitárias de São Paulo, mas a caminhada não foi fácil. Como revela Eduardo: “Quando a Atlética ainda estava se consolidando, foi difícil recrutar e manter as pessoas na bateria. No início dos anos 2000, ela quase acabou, mas uma nova geração de ‘bixos’ a reformulou e deu a cara do que é hoje”.

De onde veio o nome Tatubola? De acordo com Quilici, até os anos 2000, a bateria se chamava Batubola, nome que se criara a partir de “bataque” e “bola”. Foi quando um aluno criou a “dança do tatu-bola”, durante uma edição das Economíadas. A dança tomou tal proporção que mudaram o nome da bateria. Esse também foi o nome dado ao CD com hinos, gritos e músicas compostas por alunos, exaltando a Escola.

COM JOGOS E FESTAS, A HISTÓRIA CONTINUA

Além dos jogos, as festas também sempre fizeram parte da história da Atlética, permitindo maior interação entre os alunos.

Atualmente, a AAAGV realiza a GVJada, a Jacatenda e a famosa Giabólica, que surgiu em São Paulo e, em 2004, foi levada para as Economíadas – que, por sinal, neste ano acontecem de 18 a 21 de abril, em Americana. ●

ALINE LILIAN DOS SANTOS > Jornalista da GV-executivo > aline.lilian@fgv.br